

O que falta fazer não deve desmerecer o que já fizemos. O longo caminho a ser percorrido não será vencido se o desânimo, a inércia e o pessimismo negarem sempre os passos já dados, as conquistas alcançadas.

O que construímos e aprendemos no passado constitui a base para nossa confiança no futuro. A fé em nós próprios e no que alcançamos não de guiar-nos na busca do amanhã de esperança.

Paz e amor são também nossos lemas.

Soubemos manter a paz secular com os nossos vizinhos; estamos lutando para que ela exista entre nossos irmãos brasileiros, no catecismo da solidariedade.

Paz nas famílias, na vida das pessoas, baseada não só na estabilidade econômica que estamos alcançando, mas na coesão social de um povo que constrói um destino comum.

Meus amigos, quando os portugueses aventuraram-se pelos oceanos na ânsia de descobrir novas terras e novas gentes, deram a marca da modernidade: a descoberta do outro, o reconhecimento da variedade e da diferença.

Hoje, no século da tecnologia, os herdeiros desse espírito aventuraram-se no espaço e buscam não só “outras terras e outras gentes”, mas outros mundos no espaço planetário.

Vivemos, no século que finda, a era do Sputnik, dos homens pisanando na Lua, fazendo a circunvolução de outros planetas. Vivemos a era de novos conceitos de tempo e de espaço, a era de Einstein, da informática, da biologia molecular, da engenharia genética, do homem que imagina poder recriar artificialmente os seres.

Tudo isso anima e atemoriza.

E nós, brasileiros, não queremos ser herdeiros do medo.

Por isso, diante do novo mundo que se avizinha, da Internet, da produção globalizada e dos tormentos financeiros sem fronteiras, não cobriremos nossas cabeças com a poeira do passado.

Estamos nos preparando para participar da nova era. Herdeiros de uma natureza exuberante e variada, queremos respeitar o meio ambiente para legá-lo como fonte de vida às gerações futuras. Queremos progresso, crescimento econômico e mais empregos, mas não queremos perder a